



2ª Fase - Exame Discursivo
03/12/2000

INSTRUÇÕES

Neste caderno você encontrará um conjunto de 24 (vinte e quatro) páginas numeradas seqüencialmente, contendo 10 (dez) questões de Língua Portuguesa Instrumental, a proposta de Redação, 20 (vinte) questões de Física e 20 (vinte) questões de História.

Se você é candidato ao Grupo I da UENF, está recebendo, também, um caderno contendo 20 (vinte) questões de Matemática.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

1. Verifique se você recebeu 3 (três) cadernos de respostas, correspondentes a:

- Língua Portuguesa Instrumental
- Redação
- disciplina específica de seu grupo de carreiras (Física ou História ou, para o Grupo I da UENF, Matemática).

2. Verifique se o seu nome, número de inscrição, número do documento de identidade estão corretos nas sobrecapas dos cadernos de respostas.

Se houver erro, notifique o fiscal.

3. Destaque, da sobrecapa de cada caderno de respostas, os comprovantes que têm seu nome; leve-os com você ao terminar a prova.

4. Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

Caso ocorra qualquer erro, notifique o fiscal.

5. A solução de cada questão deverá ser apresentada no espaço indicado no caderno de respostas. Não serão consideradas as questões resolvidas fora do local apropriado.

6. As provas devem ser resolvidas, de preferência, a **caneta azul ou preta.**

7. Você dispõe de 5 (cinco) horas para fazer esta prova. Faça-a com tranquilidade, mas controle o seu tempo.

8. Ao terminar a prova, entregue ao fiscal os **cadernos de respostas e este caderno.**

BOA PROVA!

Com base no texto I, responda às questões de números 01 a 03.

TEXTO I

FULANO DE TAL

O anonimato é como fortaleza sitiada: quem está nele quer dele sair, e quem está fora quer entrar nele. O lema de quem está no anonimato é: que falem mal de mim, mas que falem. O lema de quem perdeu o anonimato é: não se fala na mulher de César. Tal atitude ambivalente quanto ao anonimato é coisa recente. Épocas anteriores assumiam posições mais decididas. Em tempos arcaicos, ter nome conhecido significava estar exposto a poderes nefastos. O conhecimento do nome conferia ao inimigo armas destrutivas, já que a força vital (*mana*) está escondida no nome. Por isso os nomes eram guardados em segredo, e por isso o nome de Deus é impronunciável. Na Antigüidade, ter nome significava não tanto ser falado, mas ser cantado. E já que os poetas que cantam os nomes não passam de bocas das Musas, ter nome significava quase ser divinizado. Na Idade Média, ser anônimo significava poder humildemente agir para a maior glória de Deus, e ter nome significava, portanto, cair na tentação do pecado mortal do orgulho. Na Idade Moderna, fazer nome significava permanecer na memória coletiva (portanto, entrar em Museu, imaginário ou não), e ter nome significava alcançar a imortalidade (por exemplo: a das academias). Atualmente ter nome é problema.

Algumas razões da problematidade da fama são estas: é muito fácil penetrar na memória coletiva, dada a comunicação de massa. Basta

participar de programa televisionado do tipo Chacrinha¹. É igualmente fácil ser esquecido. Basta mudar o programa. A memória da massa é muito fugaz, e pode sê-lo. Pode sê-lo porque existem memórias infalíveis: os cartões perfurados² dos computadores. O problema é pois este: onde quero ter nome, na massa ou no cartão perfurado? Se na massa, ficarei esquecido. Se no cartão, serei desumanizado. Chato isto.

Ainda existem academias, museus, anais de sociedades elegantes, enciclopédias e nomes de ruas. Posso querer fazer nome em tais memórias arcaicas, chamadas “da elite”. Não serei nem esquecido, nem lembrado, mas embalsamado. A imortalidade das múmias ainda é possível. Não parece valer a pena. Só satisfaz à vaidade. Portanto, morreu a fama.

Igualmente morreu o anonimato. Na Idade Moderna, ser igual a outros significava querer ser melhor que o vizinho. Competição no anonimato em busca de nome. Atualmente, ser igual aos outros significa não querer distinguir-se do vizinho. Mas como todos querem ser excêntricos, significa querer ser excêntrico para não distinguir-se. Eis a solução do problema: fazer do nome "Fulano de Tal" nome famoso. Em suma: no futuro próximo todos serão famosos. Democracia? Não, fascismo.

(FLUSSER, Vilém. *Ficções filosóficas*. São Paulo: EdUSP, 1998.)

¹Chacrinha - apresentador de televisão dos anos 60

²cartões perfurados - equivalentes aos disquetes dos atuais computadores

Questão 01

O filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser aborda o problema da fama historicamente, observando como ele se teria manifestado em tempos arcaicos, na Antigüidade, na Idade Média, na Idade Moderna e na contemporaneidade.

Explique a diferença entre os tempos arcaicos e a contemporaneidade, quanto ao desejo de obter alguma fama.

Questão 02

Segundo o texto, atualmente dois aspectos contraditórios entre si tornam a fama um problema. Aponte esses aspectos.

Questão 03

O fascismo é um regime autoritário, baseado na dominação.

Na conclusão do texto, esse regime é relacionado à disseminação da fama.

Apresente a fundamentação, subentendida no texto, que sustenta essa relação.

Com base no texto II, responda às questões de números 04 a 07.

TEXTO II**O IMPÉRIO DAS LENTES**

Nas cerimônias de casamento, as retinas das testemunhas foram substituídas pela *camcorder*¹ do sujeito de terno gasto que grava o enlace andando de um lado para o outro (o distinto padre pode dar licença, por favor?). Cônsua de sua relevância mística, a madrinha chora no exato instante em que os refletores lhe incandescem a maquiagem. Nas festas de escolas primárias, os alunos aprenderam a se apresentar para filmadoras e não mais para pais e mães. Sob o foco automático, a criança já não enxerga o sorriso de orgulho ou de apreensão na face do pai; vê apenas a *handycam*² que mascara o seu rosto. Se a televisão é a arena da história contemporânea, as câmaras de vídeo domésticas se tornaram o olhar autorizado da intimidade familiar (e de outras intimidades nem tão familiares assim). Nas férias, o estranho fenômeno se generaliza, escancarando em público o vazio em que existimos. O viajante já não é aquele que

contempla o desconhecido, que se reserva a chance do inesperado, que vive, enfim. Protegido por sua máscara eletrônica, que poupa de estar exposto ao destino, ele apenas grava imagens, e normalmente muito rápido, como quem ainda tem uma longa lista a cumprir. O turista é um apressado. Depois, claro, jamais terá tempo de rever o que filmou. Continuará com pressa. De bom grado, ele substituiu a própria memória pela fita magnética, mas esta também logo se perderá numa estante empoeirada, guardando imagens sem nexos. São as imagens do espetáculo que não foi vivido, pois quem poderia vivê-lo se ocupou em gravá-lo (ou em posar para a gravação). Ali jaz a vida que poderia ter sido. Ali jaz o desejo que não se satisfaz, pois entre ele e o turista havia um muro transparente, um vidro, uma câmara, essa engenhoca que reina soberana no espaço exíguo que separa o homem de si mesmo.

¹*camcorder* - filmadora

²*handycam* - filmadora de mão

(BUCCI, Eugênio. *Veja*, 03/12/1996.)

Questão 04

O texto é todo construído a partir da exposição de situações corriqueiras da vida privada.

Transcreva do texto um período completo em que tais situações são claramente associadas à vida pública.

Questão 05

Cônsua de sua relevância mística, a madrinha chora no exato instante em que os refletores lhe incandescem a maquiagem. (l. 06 - 08)

No trecho citado, o autor emprega a ironia para intensificar sua crítica à situação descrita.

Explique como esse recurso de linguagem intensifica a referida crítica.

Questão 06

Nas férias, o estranho fenômeno se generaliza, (l.19)

Demonstre de que modo a expressão sublinhada funciona como um mecanismo de coesão, ou ligação, entre as partes do texto.

Questão 07

Ali jaz a vida que poderia ter sido. (l. 37)

Esta sentença, no primeiro momento, parece uma contradição.

Identifique, em uma frase completa, essa contradição aparente.

Com base no texto III, responda às questões de números 08 a 10.

TEXTO III**À TELEVISÃO**

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?

A comida succulenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.

Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
nem me canso em viver.

Guerra, sexo, esporte
- me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

(PAES, J. P. *Prosas seguidas de odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.)

Questão 08

No poema, a televisão é humanizada, assumindo o papel de interlocutor do eu poético.

Identifique o elemento lingüístico que melhor caracteriza essa humanização e transcreva um verso em que ele apareça.

Questão 09

- me dá tudo, tudo.

já não preciso do mundo.

Esses versos poderiam ser reunidos em um único período, para expressar uma síntese do que se expõe no texto.

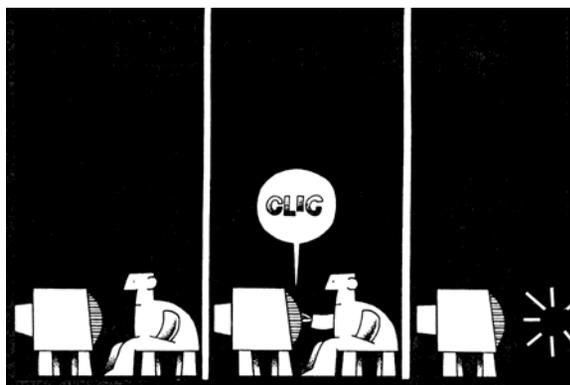
Reescreva esses dois versos em um período completo, unindo-os com um conectivo adequado.

Questão 10

Como já se pôde observar, os textos I, II e III são interligados em um tema geral.

Indique esse tema geral e explique como ele é abordado criticamente no poema de José Paulo Paes.

Leia com atenção a Coletânea de Textos que você está recebendo. Ela compõe, juntamente com os textos apresentados ao longo da prova de Língua Portuguesa Instrumental, o material que vai embasar seu trabalho de redação.

COLETÂNEA DE TEXTOS**TEXTO I****O HOMEM SUMIU**

(CAULOS. *Só dói quando eu respiro*. Porto Alegre: L&PM, 1976.)

TEXTO II**de ouvido**

di vi
di do
entre
o
ver
&
o
vidro
du vi do

(LEMINSKI. *Caprichos & Relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.)

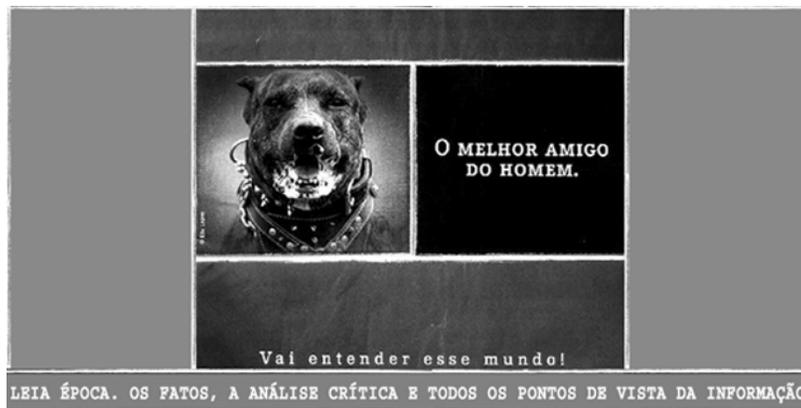
TEXTO III**CONTO COLORIDO**

Quando lhe perguntaram o que queria ser quando crescesse, não vacilou: televisão.

(STRAUSZ, Rosa Amanda. *Mínimo múltiplo comum*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.)

TEXTO IV

DEPENDÊNCIA?



(Adaptação de propaganda veiculada em *Galileu*, setembro de 1999)

TEXTO V

QUANDO A TV APOSTA NO ESCLARECIMENTO

Nem só de sensacionalismo e banalização vive a mídia. Nos jornais, revistas e tevê, os jovens também estão encontrando informações úteis, que os ajudam a enfrentar a natural insegurança de quem dá os primeiros passos na vida sexual. Um exemplo é o programa *MTV Erótica*, em que a apresentadora Babi e o médico psiquiatra Jairo Bouer respondem às perguntas muito francas de um público concentrado na faixa dos 13 aos 19 anos. (...) Jairo é otimista em relação ao papel da mídia, mas reconhece que a situação ainda está longe do ideal. "É preciso falar para os jovens que estão fora das classes A e B", diagnostica.

(*Galileu*, janeiro de 2000)

TEXTO VI

SOB CONTROLE



(Capa da *Revista do Anunciante*, junho de 1998)

TEXTO VII**LIBERDADE DE ESCOLHA**

(Adaptação de propaganda veiculada em *Galileu*, dezembro de 1999)

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DO TEXTO

A partir do roteiro que se segue, você deverá preencher os campos no Caderno de Respostas, seguindo as instruções específicas nele encontradas, de modo a construir sua redação etapa por etapa, nunca se limitando à simples transcrição dos textos utilizados.

01 - Definição da idéia-base

Para começar o trabalho, você deverá escolher uma afirmação que corresponda à idéia central que você vai defender. Assinale o quadro que apresenta essa idéia.

02 - Construção do argumento

Assinale a opção que indica o tipo de argumento que você vai construir para sustentar a idéia escolhida na etapa anterior. A seguir, construa seu argumento no espaço correspondente.

03 - Fundamentação do argumento

O argumento construído na etapa anterior deverá aqui ser fundamentado a partir de uma exemplificação, de uma justificativa ou de uma citação. Assinale a alternativa que indica sua escolha e a seguir construa a fundamentação de seu argumento, fazendo referência a pelo menos um dos textos apresentados ou nesta prova ou na de Língua Portuguesa Instrumental, sem se limitar à mera transcrição.

04 - Conclusão

Preencha o último quadro, de modo a concluir seu trabalho, respeitando o encaminhamento dado ao texto nas etapas anteriores.